



Aprender e sentir, sentir e aprender: a música na vida adulta

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Educação Musical

Maura Penna

Universidade Federal da Paraíba
maurapenna@gmail.com

Ana Rosa Fernandes¹

Universidade Federal da Paraíba
ana.rosa2@academico.ufpb.br

Ingrid Simplício

Universidade Federal da Paraíba
ingrid.simplicio@academico.ufpb.br

João Tomaz da Costa Neto

Universidade Federal da Paraíba
jtomazc.neto@gmail.com

Micael Carvalho dos Santos

Universidade Federal da Paraíba
Email micael.carvalho@ufma.br

Resumo. Este texto apresenta um recorte da pesquisa “O que quero com a música: estudos musicais entre adultos com outras ocupações profissionais”. A pesquisa teve como objetivos específicos: conhecer o perfil desses alunos e suas motivações para buscar o estudo de música; analisar a relação pessoal que estabelecem com a música, e entre os estudos atuais com suas experiências musicais anteriores; identificar suas concepções de musicalidade; verificar como se relacionam com as propostas pedagógicas nos espaços em que estudam. Os participantes foram três pessoas com 35 anos de idade ou mais, que cursavam aulas de música regularmente por seis meses até três anos nos diferentes espaços em que estavam matriculados. A coleta, baseada na metodologia da história de vida, foi realizada com o uso de entrevistas narrativas. Os dados apresentados são relativos a três participantes, de idades, classes sociais e escolas distintas, onde estudavam instrumentos. Os participantes revelaram ter uma relação significativa com a música desde a juventude, sendo a procura individual por aulas de música relacionada à maturidade da experiência de vida, de modo que a conexão com novos conhecimentos ocorre quando esses são relevantes e significativos. A dimensão da aprendizagem em grupo é uma incorporação da aprendizagem informal de música popular nas estratégias de ensino, que possibilita trocas de experiências e conhecimentos diversificados. A conclusão apontou que as escolas frequentadas pelos participantes têm potencial educativo no universo da música popular.

¹ Ingrid Simplício, João Tomaz da Costa Neto e Ana Rosa Fernandes, respectivamente bolsistas (PIBIC) e voluntária (PIVIC) dos programas de iniciação científica da UFPB/CNPq e coautores do texto, foram responsáveis pela coleta de dados.

Palavras-chave. Aluno adulto, História de vida musical, Aprendizagem significativa.

Learning and Feeling, Feeling and Learning: Music in Adult Life

Abstract. This text presents a segment of the research "What I Want with Music: Musical Studies among Adults with Other Professional Occupations." The specific objectives of the research were to: understand the profile of these students and their motivations for pursuing music studies; analyze the personal relationship they establish with music and the connection between their current studies and previous musical experiences; identify their conceptions of musicality; and verify how they relate to the pedagogical proposals in the spaces where they study. The participants were three people aged 35 and older who had been taking music lessons regularly for six months to three years in various spaces where they were enrolled. Data collection, based on the life history methodology, was carried out using narrative interviews. The data presented relates to three participants of different ages, social classes, and schools where they were studying instruments. The participants revealed that they had a significant relationship with music since their youth, and the individual pursuit of music lessons is related to the maturity of life experience, such that the connection with new knowledge occurs when it is relevant and meaningful. The dimension of group learning is an incorporation of informal learning of popular music into teaching strategies, which enables the exchange of diverse experiences and knowledge. The conclusion indicated that the schools attended by the participants have educational potential in the universe of popular music.

Keywords. Adult student, Musical life history, Meaningful learning.

Introdução

Esta comunicação apresenta dados derivados da pesquisa em andamento intitulada “O que quero com a música: estudos musicais entre adultos com outras ocupações profissionais”, que vem sendo desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa Música Cultura e Educação da Universidade Federal da Paraíba desde 2020. A pesquisa adota o seguinte problema: o que a música significa para a pessoa com mais de 35 anos, que, estabelecida em outra profissão ou atividade, busca por iniciativa e vontade próprias, estudos musicais? Os objetivos estabelecidos a partir dele foram: a) conhecer o perfil desses alunos e suas motivações para buscar o estudo ou prática musical nesta etapa de suas vidas; b) analisar a relação pessoal e subjetiva que estabelecem neste momento de vida com a música, comparativamente às relações que possam ter estabelecido em etapas prévias; c) identificar suas concepções de musicalidade; d) analisar como os estudos atuais se relacionam com suas experiências musicais anteriores; e) verificar como se relacionam com as propostas pedagógicas correntes nos espaços em que estudam.

Adotando a metodologia de história de vida – especificamente de história de vida musical – a coleta, realizada entre outubro e dezembro de 2023, foi realizada por meio de entrevistas narrativas, conforme indica Penna (2021, p. 4-6). Para a discussão aqui apresentada, selecionamos

dados de três participantes, cujas aulas de música ocorriam de forma regular há no mínimo seis meses e no máximo três anos, em três espaços educativos de João Pessoa – PB, em que estavam matriculados por ocasião da coleta.

As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas de acordo com a ortografia padrão, excluindo o excesso de marcadores conversacionais e respeitando a construção das frases pelos sujeitos. Em seguida, foram analisadas a partir dos temas identificados a partir de nossos objetivos, articulando à contribuição de autores e autoras que tratam das relações da música com as experiências de vida e seus significados.

A análise das entrevistas foi realizada em Três Tempos, adaptando a proposta de Souza (2004, p. 124). O Tempo I trata da organização de uma sequência dos eventos narrados, com base nas experiências significativas, traçando uma linha de tempo da história de vida musical; o Tempo II é um esquema temático para a história de vida, categorizando significados e as questões importantes da relação com a música em cada momento, focando nos processos de aproximação (gosto, prazer, significação) e afastamento da música; e, por último, o Tempo III que permite a discussão mais ampla, articulando o Tempo II a diversos outros estudos.

A música e seus significados

A música está presente na vida adulta de diversas formas, sendo uma expressividade artística que pode potencializar os sentidos humanos e, ao mesmo tempo, oportunizar aprendizados, sejam estes formais ou não. Considerando a temática deste texto, entendemos que a teoria do significado musical, apresentada por Green (2012); Narita; Hamond (2022), a partir de fundamentos sociológicos, é pertinente para a análise qualitativa das entrevistas realizadas com os três sujeitos selecionados.

Em suas pesquisas, Lucy Green (2012, p. 63) aponta que a “música tem significado à medida que as pessoas a entendem como tal em primeiro lugar” e que esse significado musical envolve dois aspectos: significado inerente e significado delineado. Para a autora, o primeiro aspecto relaciona-se com as formas com os materiais constitutivos da música são organizados em relação a eles mesmos, indicando uma associação com uma espécie de sintaxe musical ou significado inter e intra-musical. O segundo refere-se aos “conceitos e conotações extramusicais que a música carrega”, tendo, portanto, dimensões sociais, culturais, religiosas, políticas, dentre outras. Vale destacar que a distinção entre os aspectos inerentes e delineados do significado musical é puramente teórica (Green, 2012, p. 64-76).

Toda experiência musical está carregada de aspectos inerentes e delineados dos significados presentes nas músicas, mesmo que os ouvintes não os identifiquem imediatamente. Suas percepções da música são condicionadas às questões sociais que decorrem das relações que estabelecem com a vida, a partir de diversas experiências.

A familiaridade com a música pode despertar uma experiência com resposta positiva, assim como o contrário que pode ocasionar o que Green (2012, p. 63) chama de resposta negativa. Quando há inclinação positiva para os significados inerentes e delineados, ocorre a “celebração”; há “alienação” musical quando as respostas são negativas a ambos os significados:

Nossas respostas aos significados inerentes e delineados normalmente correspondem, de modo que se desgostamos de um, provavelmente não gostaremos do outro e vice-versa. Entretanto, apesar dos significados inerentes e delineados sempre coexistirem, nem sempre temos a mesma resposta a cada um deles. (Green, 2012, p. 4)

Considerando que essas respostas podem ser dinâmicas, ocorre também o que a autora chama de “ambiguidade”; ou seja, resposta negativa em relação a um aspecto do significado musical e resposta positiva em relação a outro, simultaneamente. Existem diversas razões para compreender experiências musicais “ambíguas” ou “alienadas”, que resultam da forma como lidamos com os significados inerentes e delineados nas músicas. Trazendo para as experiências educativas em salas de aulas, é possível constatar que nem sempre as músicas que nos acompanham no cotidiano estão presentes nos currículos desses espaços, sejam eles escolas, universidades, conservatórios ou centros de formação cultural, como veremos nos depoimentos apresentados adiante.

O fenômeno musical possibilita a capacidade de criação de novas delineações e problemáticas para a sala de aula, sendo essa possibilidade condicionada às estratégias de ensino, que podem ser inspiradas na forma como ocorre a aprendizagem no contexto da música popular (Green, 2012, p. 67). Como parte da proposta de considerar os processos e não somente o produto, essa autora destaca ainda que “os modos como a música é produzida e transmitida dão origem à natureza de seus significados inerentes” e que não podemos perder a chance de oportunizar aos alunos experiências positivas nos dois significados musicais: delineado e inerente (Green, 2012, p. 68).

Nesse sentido, é importante incorporar as características da aprendizagem informal de música popular nas estratégias de ensino:

(1) permitindo que os educandos escolham a música; (2) aprendendo por meio da audição e cópia de gravações; (3) aprendendo em grupos de amigos com o mínimo de orientação de um adulto; (4) aprendendo de maneira pessoal, frequentemente desordenada; (5) integrando a audição, a execução (tocar, cantar), a improvisação e a composição. (Green, 2012, p. 69)

Algumas dessas características mostraram-se presentes nas práticas das escolas investigadas nesta pesquisa, que serão apresentadas a seguir.

As Escolas e os participantes

A Escola 1, fundada na década de 1980, é uma instituição pública e estadual, que oferece cursos livres semestrais em várias linguagens artísticas, como dança, artes visuais, teatro, literatura e música. Difundindo o ensino da arte, atualmente a Escola 1 atende por volta de 2500 alunos, desde bebês até idosos.

A Escola 2 é uma instituição pública municipal, inaugurada em 2016, com o objetivo de garantir à população um maior acesso às atividades educacionais, artísticas e culturais. O espaço oferece ambientes adequados para as áreas de música, teatro, dança, artesanato, literatura, circo, artes plásticas e audiovisual, atendendo a mais de 1000 alunos, com idades diversas.

A Escola 3 é uma associação cultural sem fins lucrativos, que tem como principal objetivo valorizar e preservar a cultura popular nordestina. O espaço promove eventos culturais desde 2010, oferecendo ensino de música e de dança. A maior parte do público atendido na Escola 3 é de adultos e “os cursos e oficinas são ofertados de forma gratuita e com profissionais qualificados”, segundo informações de seu site. atendendo ao público em geral que, por razões de desvantagem socioeconômica, não pode pagar por este serviço

Por suas propostas abrangentes e seu caráter público, essas três escolas configuram-se como espaços de inclusão social, ampliando o acesso a atividades artísticas e musicais. Neste contexto, apresentamos as histórias de três adultos com diferentes profissões e ocupações – um homem e duas mulheres – de diferentes classes sociais, que encontraram no estudo de música um abrigo para suas recordações emocionais (Quadro 1).

Quadro 1: Caracterização das pessoas participantes da pesquisa.

Identificação	Escola	Idade	Profissão/ Ocupação	Aula de Instrumento
Participante 1	Escola 1	38 anos	Correspondente bancária	Sanfona
Participante 2	Escola 2	52 anos	Porteiro	Percussão
Participante 3	Escola 3	39 anos	Recepcionista e artista visual	Sanfona

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

A Participante 1 tem 38 anos, é formada em Relações Públicas e Gestão em Negócios Imobiliários, sendo sua profissão empresária e correspondente bancária. Atualmente, está estudando sanfona na Escola 1 pelo segundo semestre. Em sua infância teve aulas de música em escola especializada de música, na igreja e participou de grupos corais da cidade. Além do envolvimento com a música, a Participante 1 teve ainda aulas de dança desde cedo, atribuindo a esta modalidade artística maior relevância em sua formação.

O Participante 2 é um homem de 52 anos de idade, cursou Educação Física, é casado e trabalha como porteiro em uma escola. Iniciou em 2022 seus estudos de percussão na Escola 2. Teve contato com a música desde a infância, especialmente a partir de suas relações com o avô sanfoneiro. A princípio, buscou a escola para aprender a tocar pandeiro, mas descobriu que a instituição ofertava um curso mais amplo, abarcando outros instrumentos de percussão.

A Participante 3 é uma mulher de 39 anos de idade, formada em Publicidade e Propaganda, tendo frequentado também o curso de Letras. Exerce a profissão de recepcionista e artista visual. Estuda sanfona na Escola 3 há um ano, bem como no conservatório de música da cidade. Em sua infância estudou violão clássico em uma escola particular de João Pessoa - PB.

Significações das aulas de música

Percebemos, em todos os participantes deste estudo, a procura pessoal por aulas de música como uma busca individual que a maturidade trouxe. Dentre as várias questões identificadas em seus relatos, trazemos aqui: (1) o desejo e o prazer de tocar. E aspectos decorrentes das práticas pedagógicas de suas escolas: (2) a prática colaborativa; (3) a diferença em relação a outras formas de ensinar música. Além disso, discutimos a relação emocional de dois participantes com seus instrumentos.

O desejo e o prazer de tocar

As narrativas dos participantes vinculam a procura de aulas de instrumento a uma necessidade de um meio de expressão ou de uma válvula de escape – que podemos considerar como significado musical delineado, relacionado a seus percursos de vida pessoais, aos quais se ligam seu desejo de tocar um instrumento, ultrapassando os elementos inerentes à própria música. A Participante 1, por exemplo, discute a diferença entre a música e as atividades vinculadas à sua sobrevivência – como o trabalho:

Ela [a música] está [em minha vida] porque eu realmente quero que ela esteja. Então, não vejo como obrigação na minha vida a música, mas vejo ela presente no meu querer. Exatamente no meu querer. Então, todo o resto é uma obrigação. Todo o resto é uma real necessidade. E a música vai estar porque é assim... [...] é o que me faz bem. Então, se me faz bem e todo o resto é obrigação, porque não tem ela [a música] paralela, para ser o que completa, né? Para deixar o completo. (P1, E2, 16 dez. 2023)²

A Participante 1 explica que a música é uma escolha que a completa e lhe faz bem. Isso está em consonância com teoria da Aprendizagem Significativa de David Ausubel (2003), que afirma que o aprendizado significativo ocorre quando algo é pessoalmente valorizado e relevante para o indivíduo. Para esse autor, o aprendizado é mais eficaz quando novos conhecimentos se conectam de forma relevante e substantiva com aquilo que já sabemos. Ele distingue a aprendizagem mecânica, que é a simples memorização, da aprendizagem significativa, que integra novos conhecimentos com os já existentes, de maneira coerente (Ausubel, 2003).

Neste relato, a música configura-se como um componente essencial de sua identidade e bem-estar, funcionando como um ponto central ao qual novas experiências e conhecimentos podem se conectar. A motivação intrínseca, central nesse quadro teórico, é claramente refletida na escolha musical da entrevistada (Ausubel, 2003, p. 3). Assim, a presença da música na sua vida – "não por obrigação, mas pelo querer" – evidencia como uma atividade valorizada pode facilitar o aprendizado e o desenvolvimento pessoal de forma natural e desejada.

Por sua vez, Alheit e Dausien (2006, p. 187) discutem os novos esquemas de percursos de vida – que difere do modelo tradicional, em que a formação leva à atividade profissional. Apontam a possibilidade de processos de formação na “temporalidade própria” da vida: “A temporalidade biográfica obedece a uma lógica individual que religa passado, presente e futuro, frequentemente passando por cima das periodizações institucionais e dos compartimentos sociais entre os campos

² Usaremos o itálico para diferenciar as citações das narrativas dos participantes, como material coletado, das citações bibliográficas. Elas serão identificadas da seguinte forma: número do participante (P1, P2 ou P3), número da entrevista (E1 ou E2) e data de realização.

da vida” (Alheit; Dausien, 2006, p. 189). Podemos perceber esse percurso com temporalidade não-linear no relato do Participante 2:

Aí eu voltei agora, depois de casado, depois da minha vida já... para ter uma válvula de escape, com relação ao trabalho, ao estresse. Eu me sinto muito gratificado e realizado com tudo isso. [...] Agora eu já estou tocando pandeiro, já toco conga, já toco zabumba, triângulo... Eu entrei no intuito de tocar pandeiro, aí o professor abriu o leque lá, e praticando, e passando exercícios... muito bom, muito bom mesmo, muito bom. (P2, E1, 5 mar. 2024).

A prática colaborativa

Desde bebê temos contato com canto e com música, seja com a família ou em outros ambientes sociais, de modo que o desenvolvimento musical está atrelado a processos interativos (CHINAGLIA; DE PAULA, 2022, p. 2). Alheit e Dausien (2006, p. 178) discutem que o “aprendizado ao longo da vida” abarca todas essas as atividades significativas de aprendizagem:

[...] aprendemos e nos formamos nas conversas com os amigos, assistindo à televisão, lendo livros, folheando catálogos ou navegando na Internet, tanto quanto quando refletimos e quando fazemos projetos. Pouco importa se essa maneira de nos formarmos é trivial ou requintada: não podemos alterar o fato de que somos aprendentes ‘no longo curso’ da vida (Alheit; Dausien, 2006, p. 177).

As narrativas revelam o que os participantes entendem por aprender música. O relato da Participante 3 mostra como é positivo esse aspecto interativo:

São aulas coletivas, e o que é mais interessante ainda, porque me faz entrar em contato com as outras pessoas, tem a questão da socialização, das trocas. Dizem: “ah, encontrei uma sanfona em tal lugar”, trocamos referências... “achei massa essa apostila, faz assim, toca assim...”. Então a gente vai se ajudando. E é um grupo bem unido. (P3, E1, 24 nov. 2023).

Como debatido por Green (2012), aprender em grupos de amigos é uma incorporação das características da aprendizagem informal de música popular nas estratégias de ensino. Isto significa que o afeto oportuniza troca entre pares e possibilita o crescimento:

Com certeza, eu já estou indo para o terceiro ano nas aulas, e assim, eu sinto que é importante, porque quando a gente adquire mais conhecimentos, a nossa vontade é passar esses conhecimentos, por poucos que eles sejam, para os alunos novatos. E os alunos mais antigos, lá pelo que o professor tem lá, ele até pede ajuda da gente lá: “Vai!”... E a gente se sente bem com aquilo. (P2, E1, 5 mar. 2024).

No aprendizado coletivo, há trocas de experiências e conhecimentos diversificados, conforme salientam Chinaglia e De Paula (2022, p. 2). A interação constitui, portanto, um elemento essencial desse modo de aprender/ensinar. Assim, a socialização e o prazer de estar com os colegas, expressos nesses relatos, estão vinculados ao significado delineado, pois refletem a função social interativa da música.

Diversas experiências de aulas de música

Existe uma diversidade de maneiras de ouvir música, de fazer música e, conseqüentemente, de ensinar música. Identificamos algumas abordagens que mais se afastam do “modelo conservatorial –, que consideramos limitador para muitos contextos e finalidades” (Penna; Sobreira, 2020, p. 2). Neste sentido, algumas das características da aprendizagem dos músicos populares estão presentes na experiência da Participante 2:

Na Escola 1 é instrumento popular. Não existe uma preocupação teórica clássica, de tipo, execução, estudar... Não. Lá a gente estuda uma música conforme a execução dela na sanfona e vai treinando. Treinando ritmo, percepção, posição de mão no instrumento, então é uma coisa que você já aprende direto no instrumento. E a melhor coisa, as aulas são coletivas, então você tem a experiência do instrumento com outras pessoas que estão passando pelo mesmo processo [...] (P3, E2, 12 dez. 2023).

A assimilação de novas músicas na sanfona, portanto, passa por uma mistura de outras habilidades motoras e até de conteúdos teóricos interligados, assim como acontece no aprendizado da música popular. Como vimos, Green (2012, p. 69) valoriza a habilidade de músicos populares tirarem melodias de ouvido, como acontece na Escola 1:

Não tem teoria [na Escola 1]. É porque o que acontece é o mesmo professor que está lá, sabe? Na Escola X, não: tem um professor de teoria, e um para prática. Lá [na Escola 1] é só o professor para passar aquela música que está todo mundo na ansiedade da execução do instrumento [...] Na Escola 1 é igualzinho ao pessoal do interior... É ouvido e reprodução [...] Música popular mesmo (P3, E2, 12 dez. 2023).

Uma outra experiência da Participante 3 foi em um conservatório de música – Escola X – que tem, como base da formação musical, aulas de teoria:

Eu acho que é necessário fazer esse aporte, porque a teoria traz o embasamento de uma linguagem universal que você pode chegar em qualquer lugar do mundo. Falar, você precisa nem falar a mesma língua, mas você tem uma partitura que

comunica e você consegue desenvolver. Então é uma linguagem universal e é necessária³ (P3, E2, 12 dez. 2023).

Mesmo estudando sanfona, um instrumento popular, a Participante 3 percebe a “teoria musical” – ou seja, a leitura e escrita da partitura – como um complemento necessário à sua formação. Combinando as abordagens pedagógicas das duas escolas, a Participante 3 apropria-se dos diversos conhecimentos para seu desenvolvimento musical pessoal. Já o Participante 2 relata:

Aí eu tinha que ter [aulas de música]... estava procurando um curso, alguma coisa, cheguei até a fazer aulas particulares. Mas eu me sentia preso. Era só pandeiro, só pandeiro, e os meus... eu queria adquirir mais conhecimentos na percussão. Aí foi quando eu... eu vi lá a Escola 2, aí decidi me matricular. (P2, E1, 5 mar. 2024).

Por sua vez, a Participante 1 percebia as aulas do coro sinfônico e do conservatório, na sua infância e juventude, como momentos rígidos:

Não era um momento que a gente percebia que era um momento divertido, assim. Era divertido porque a gente gostava do que a gente vivia. Mas tanto pelo conservatório como pelo coro sinfônico [infantil], a gente percebia uma coisa que era uma ideia muito profissional que traziam para a gente. [...] Então não existia a brincadeira, não existia a descontração naquele momento. [...] A forma, a didática apresentada, né? Tudo que se via ali nas aulas, até pegar o instrumento também, era tudo muito sério, né? (P1, E2, 16 dez. 2023).

Esses depoimentos opõem-se aos relatos que trazem o prazer de tocar com as propostas direcionadas mais diretamente à prática do instrumento, sem uma exigência excessiva do domínio da técnica instrumental e/ou do canto para o resultado performático. No entanto, a Participante 1 deseja uma sistematização metodológica que não encontrou nas aulas de ukulelê:

Porque eu não vi... a didática, a forma que estava sendo apresentado aquilo ali de uma forma profissional, pronto. [...] Não funciona para mim. Se eu não me sentir realmente com a sensação de que eu estou sendo instruída por alguém, o que eu preciso para tocar bem aquele instrumento, eu já não... eu não levo a sério. Então, para mim é perder tempo. (P1, E2, 16 dez. 2023)

Em seus estudos da maturidade, os participantes parecem ter uma maior clareza do que desejam, e conseguem fazer escolhas e articular as diversas experiências de acordo com seus

³ Partitura é uma representação gráfica de uma ideia musical, já que a música é som. A partitura tem uma função de “língua franca”, já que é dominada por músicos com diferentes línguas maternas. Porém, isso não faz da música uma linguagem universal, uma vez que sua organização sonora é produzida por cada cultura (Penna, 2018, p. 22-25, 53-56). Dentro da música tonal e métrica, a partitura é um apoio também ao músico popular, pois permite registrar, compartilhar com outros, etc.

interesses na relação da música que querem construir. Embora o significado inerente possa ser importante, são os elementos delineados do significado musical que sustentam, nesse momento de vida, essa relação.

O instrumento que abraça

A Participante 3 reconta o cenário emocional da primeira vez que tocou sanfona na vida:

Então eu estava sem a prótese [de seio, após a cirurgia de retirada das mamas], e coloquei essa sanfona aqui [mostrando a região que ficou a sanfona]. E aqui fica o fole, nessa área de cá para cá, que era justamente onde eu fiz minha cirurgia. Aí eu fiquei com a harmonia aqui e fazendo os baixos. Quando eu abri e fechei, primeiro: ela te abraça... Eu estava me sentindo muito só. Foi a primeira vez que não senti solidão, dentro desse processo todinho. A sensação é que quando estava abrindo, era uma janela, sabe? Aquele sol brando, tranquilo. Várias vezes assim conversando, e aquele nó na garganta se desatando. Ao mesmo tempo você sentindo aquela energia do sol, sol brando, te tranquilizando. Essa foi a sensação que eu tive ao tocar sanfona pela primeira vez [risos emotivos de ambas] (P3, E1, 24 nov. 2023).

Percebemos que a sanfona ocupa um lugar de apoio emocional para o momento de vida que a participante estava enfrentando. Havia, ainda, o elemento do contato físico, sendo a sanfona um instrumento que fisicamente traz o contato direto com as costelas e o coração, misturando percepções físicas, sonoras e afetivas. Essa percepção da vibração do som relaciona-se com o que Green (2012) chama de significado musical inerente. Ao mesmo tempo, surge o significado delineado por meio dos aspectos emocionais e afetivos, especialmente pelo “abraço” que ela recebe da sanfona. Neste caso, consideramos que ocorre uma experiência de “celebração”, quando há resposta positiva aos dois tipos de significado musical que se articulam.

Ainda sobre a relação físico-afetiva, lembremos que Wallon defende a relação entre cognição e afetividade no aprendizado. Para este autor, a noção de pessoa aponta para uma união dos conjuntos afetivo, motor e cognitivo, e para integração entre o orgânico e o social (Wallon, 2007). Neste mesmo sentido, a Participante 1 relata:

A sensação que eu tenho é essa: parece que está dentro de você, que o negócio está brotando, assim, dentro de você. Não sei especificar nada diferente disso, mas é... é uma sensação muito prazerosa de que... [...] Caramba, como isso me satisfaz! Como ouvir essa música... E isso me satisfaz. (P1, E2, 16 dez. 2023).

Ambas as Participantes 1 e 3 acreditam, portanto, que a música tem certo “poder” em dissipar estados mentais e emocionais – significado musical delineado. Elas encontram na música, portanto, um recurso terapêutico autoadministrado (cf. Penna; Bellochio, 2023, p. 18-19).

Considerações finais

Percebemos que as três escolas estudadas revelam um potencial educativo no universo da música popular, uma vez que retomam habilidades desse aprendizado apresentadas por Green (2012): escuta atenta e tirar música de ouvido; aprendizado coletivo e colaborativo; assimilação de conteúdos e habilidades de acordo com interesse próprio (Green; Narita; Hamond, 2022, p. 5) Por sua vez, em seus estudos da maturidade, os participantes parecem ter uma maior clareza do que desejam, e conseguem fazer escolhas e articular as diversas experiências de acordo com seus interesses na relação com a música que querem construir. Embora o significado inerente possa ser importante, são os elementos delineados do significado musical que sustentam, nesse momento de vida, essa relação.

Em “O desejo e o prazer de tocar”, identificamos que a procura individual por aulas de música está relacionada à maturidade da experiência de vida e que a conexão de novos conhecimentos ocorre quando este é relevante e significativo. Em “A prática colaborativa”, percebemos como os participantes valorizam o aspecto interativo das aulas de música. A dimensão da aprendizagem em grupo de amigos é uma incorporação da aprendizagem informal de música popular nas estratégias de ensino, que possibilita trocas de experiências e conhecimentos diversificados. Já em “Diversas experiências de aulas de música”, notamos como as práticas musicais dessas escolas se afastam do modelo conservatorial de ensino de música. Por fim, em “O instrumento que abraça”, percebemos que os sentidos e significados trazidos pelos participantes dialogam com o que Green (2012) nomeia de significado delineado e inerente.

Em suma, para todos os participantes, a relação com a música mostra-se significativa desde a juventude e as aulas na maturidade configuram uma oportunidade de realização pessoal. Neste sentido, defendemos que a área de Educação Musical poderia olhar com mais cuidado para esse público, com suas necessidades e características próprias, buscando alternativas metodológicas que considerem todas as funções que a música pode ter em suas vidas.

Referências

ALHEIT, Peter; DAUSIEN, Bettina. Processo de formação e aprendizagens ao longo da vida. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.1, p. 177-197, jan./abr. 2006.

AUSUBEL, David P. Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva. In: AUSUBEL, David P. *Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva*. TEOPISTO, Lúgia (Trad.). Lisboa: Plátano-Edições Técnicas, 2003.

CHINAGLIA, Andréia Pires; PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de. Aprendizagem Colaborativa no Ensino Superior: revisão de Literatura e análise de uma prática musical colaborativa. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 11, n. 7, p. e11611729263, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/29263>. Acesso em: 14 jun. 2024.

PENNA, Michael Fragomeni; BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. Olhar para a partitura de si mesmo: aprendizados biográficos ao longo da vida tecida com música. *Revista da FUNDARTE*, [S. l.], v. 56, n. 56, p. 1–23, 2023. Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/1230>. Acesso em: 27 mar. 2024.

GREEN, Lucy. Ensino da música popular em si, para si mesma e para “outra” música: uma pesquisa atual em sala de aula. *Revista da ABEM*, Londrina, v. 20, n. 28, 61-80, 2012. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/104>. Acesso em: 10 jun. 2024.

GREEN, Lucy; NARITA, Flávia Motoyama; HAMOND, Luciana Fernandes. O que os professores podem aprender com os músicos populares? *Orfeu*, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 2-14, nov. 2022. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/21735/15007>. Acesso em: 16 jun. 2024.

PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. 2. ed. rev. ampl. 4. reimpr. Porto Alegre: Sulina, 2018.

PENNA, Maura. Possibilidades heurísticas da entrevista narrativa para a pesquisa em educação musical. CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA. 31. 2021. João Pessoa. *Anais eletrônicos...*

PENNA, Maura; SOBREIRA, Silvia. A formação universitária do músico: a persistência do modelo de ensino conservatorial. *Opus*, v. 26 n. 3, p. 1-25, set/dez. 2020

SOUZA, Elizeu Clementino de. *O conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores*. Tese de doutorado (Doutorado em Educação), Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2004. p. 442. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/10267>. Acesso em: 5 dez. 2023.

WALLON, Henri. *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.